



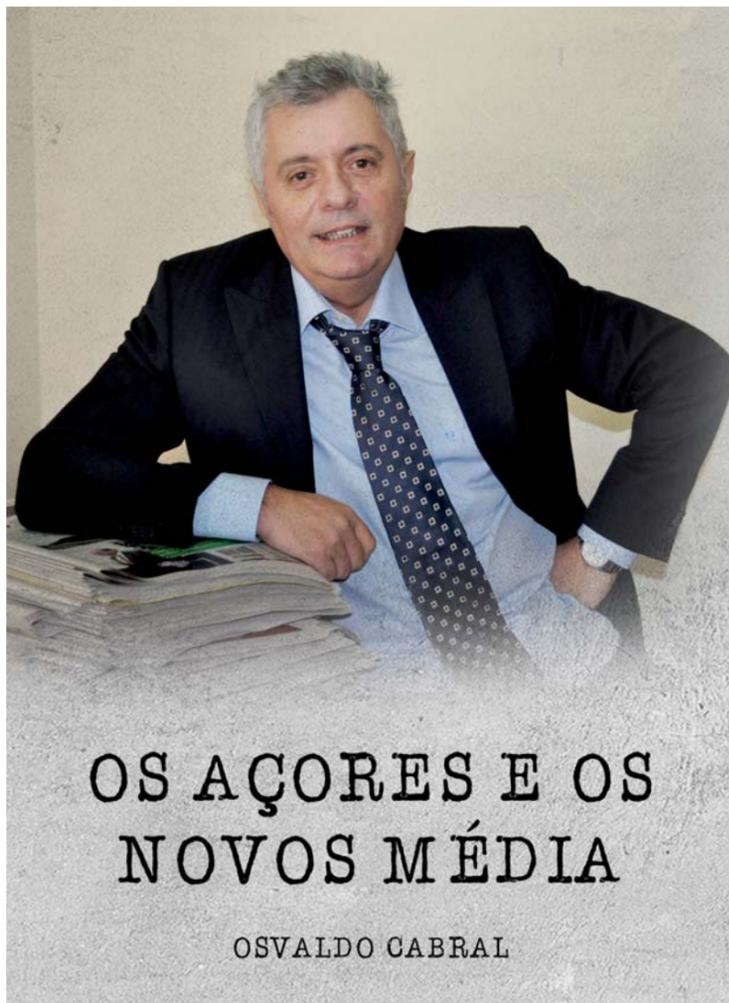
Os Açores e os Novos Média

Vai ser apresentado no dia 14 deste mês de Janeiro (talvez seja o primeiro livro neste 2019), na Livraria Solmar, em Ponta Delgada. Osvaldo Cabral brinda quantos se interessam pela comunicação social, com este *Os Açores e os Novos Média*, que considero um verdadeiro tesouro de opinião, denúncia e sugestão. A apresentação estará a cargo de outra figura de referência na comunicação social da Região e do País, Lopes de Araújo que, naturalmente, escarpelizará os aliciantes temas que compõem esta obra que fica a marcar um tempo em que os jornalistas dos Açores deixaram de se encontrar para troca de opiniões e experiências, numa altura em que tal muito era necessário.

Não poderia, por isso mesmo, ser outra a minha escolha para a primeira edição de *Leituras do Atlântico* deste ano 2019. Pelo livro, cuja feitura, na Gráfica Açoreana, acompanhei e pelo Osvaldo “amigo e companheiro nesta luta incansável pela causa do bom jornalismo nos Açores” – as palavras são retribuição das dele para mim, “Amigo e companheiro” há quarenta anos, em vários momentos de encontro em projectos comuns, tanto na imprensa como em conferências e intervenções em movimentos de cidadania ou de sociedade.

Osvaldo Cabral é um dos rostos mais conhecidos da comunicação social açoriana, essencialmente pela longa carreira na RTP/Açores, mas também pela sua escrita, pelo desassombro irreverente do pensamento e da palavra e, aspecto que muito me marca, pelo sentido de proximidade que dá a toda a sua actuação, numa ligação profunda com o quotidiano das pessoas, seja aqui nos Açores, seja na emigração. Não é demais realçar que, a par de Jorge Nascimento Cabral, Osvaldo Cabral foi, e ainda é, um verdadeiro embaixador de comunicação entre os Açores e as comunidades emigrantes. Basta conhecer um pouco da história do “Correio dos Açores” e agora do “Diário dos Açores” para perceber o cuidado e o carinho com que o Osvaldo trata as questões ligadas à diáspora. E o mesmo se pode dizer sobre as inúmeras iniciativas por ele desenvolvidas quando foi responsável pela direcção da RTP/Açores.

Com todo este manancial de vida, de trabalho e de conhecimentos, não admira o “peso” do livro que agora vai ser apresentado. Como diz Onésimo Teotónio Pereira de Almeida no seu “um prefácio a mais”, a autoridade aqui é o próprio autor do livro. Que não é nenhum principiante nestas lides (...), mas um profissional encartado que, ao longo da sua carreira jornalística, soube granjear e



cimentar o respeito, a estima e a admiração dos seus pares, algo bastante difícil do que conquistar leitores – esses sempre os teve e tem em abundância.

No início destas *Leituras do Atlântico* referi que considero este livro um verdadeiro tesouro de opinião, denúncia e sugestão. De facto, em capítulos como *a crise do jornalismo, o jornalismo da pós modernidade*, Osvaldo Cabral faz uma análise bastante contundente daquilo que pensa da realidade açoriana o que leva Onésimo Almeida a avisar que *percorrer as páginas deste livro não é, infelizmente, uma experiência particularmente encorajadora. O autor fala da “fragilização do jornalismo” e demonstra-o directa e indirectamente ao contar-nos como, ao longo dos anos nos Açores, os meios de comunicação social tradicionais enfraqueceram muito a sua acção. Aconteceu assim em todo o mundo, com o advento e expansão dos “médias sociais”, mas o desfalque açoriano parece ter sido mais acentuado.*

Mas não se pense que Osvaldo Cabral, nesta obra, se fica pela opinião e pela denúncia. Capítulos como *Jornalismo e Cidadania*, as *Fontes do jornalismo*, ou ainda *O Futuro é Feminino*, são temas

de actualidade e esperança, ao lado de sugestões como a da necessidade de criação de um Museu da Imprensa Açoriana, ou o magnífico capítulo que o poder político todo, de cá e de lá, deveria ler e sobre ele meditar, intitulado “*Reinventar o Serviço Público Regional de Televisão*”.

Osvaldo Cabral é uma voz incómoda para o poder político. Tem como lema “*Nunca Vender a Consciência*”, e é assim que termina o livro. Nas suas intervenções, mesmo os que discordam notam a seriedade da procura da verdade, o estudo dos números e o contacto com a realidade. Aqui, neste livro, o Osvaldo volta-se, com a mesma determinação e coragem para o interior da profissão que não se fica pelos jornalistas, mas vai até aos donos das comunicações e ao futuro que é preciso delinear face às grandes mudanças.

E isto porque, no dizer de Osvaldo José Vieira Cabral, *é este emaranhado de informação à solta, do imediato sem filtro, da falta de enquadramento e da ausência de regras, que distingue o bom jornalismo.*

E o bom jornalismo está submetido a uma série de regras e regulamentos que não existem nas redes sociais ou grupos de discussão, assumindo a sua função mais marcante, que é a credibilidade.

O bom jornalismo tem de continuar a relevar o que é relevante e a surpreender a sua audiência, acrescentando a tudo isso a qualidade do seu conhecimento, a credibilidade do seu exercício e a criatividade dos seus agentes.

O jornalismo tem que ter uma agenda própria e estar próximo da sociedade, virado para os cidadãos.

O jornalismo é uma fonte de conhecimento e, como tal, é serviço público, enquanto transmissor de “conhecimento útil”.

O jornalismo de hoje está mais qualificado com a crescente adesão de profissionais licenciados, mas menos experiente com o aumento da sua juventude.

Está mais feminino e mais diversificado, mas também mais precário, com muitos estagiários, mais vulnerável e com menor capacidade para intervir na área da investigação.

Tenho a certeza de que um livro assim tem um

público muito especial que são os jornalistas, mas interessa, de modo especial, aos novos comunicadores, àqueles que se lançaram em novos desafios, incluindo as redes sociais. Um dos grandes princípios de equilíbrio intelectual e social leva-nos àquele “*um lugar para cada coisa e cada coisa em seu lugar*”. Aqui, parafraseando, pode dizer-se que nunca haverá comunicação credível sem agentes credíveis para essa comunicação. E esses são os jornalistas!

Osvaldo Cabral não necessita apresentação. Ela fica aqui em jeito de arquivo, num abraço e na certeza de que um livro é como uma semente: lançada à terra, pode parecer que morre, mas a multiplicação é certa.

Osvaldo Cabral nasceu a 28 de Março de 1957, na freguesia de Conceição, em Angra do Heroísmo, ilha Terceira, para onde seus pais se deslocaram para trabalharem na construção da Base das Lajes. A partir dos três anos de idade passou a residir no Pico da Pedra, ilha de S. Miguel, onde ainda hoje habita.

Iniciou a carreira jornalística em 1978, no jornal “Correio dos Açores”, primeiro como estagiário e, no ano seguinte, ingressando nos respectivos quadros como redactor principal.

Em 1980 é nomeado Chefe de Redacção e um ano depois parte para Paris, França, onde frequenta um curso de Técnicas de Redacção e Secretariado de Redacção, no Centro de Formação Profissional de Jornalistas (CFPJ)

No início de 1982 é nomeado Director Interino do “Correio dos Açores”. Três anos mais tarde deu o lugar a Jorge do Nascimento Cabral, permanecendo como Director-Adjunto.

Em 1986 ingressa nos quadros da RTP-Açores, frequentando um curso de televisão no Centro de Formação da RTP em Lisboa, chefiando logo a seguir a Secretaria de Redacção da RTP-Açores.

Pouco tempo depois foi nomeado Chefe de Redacção e mais tarde Chefe do Departamento de Informação.

Foi depois Subdirector da RTP-Açores, com o pelouro da Informação, e entre 2004 e 2007 foi Director da mesma empresa, passando depois a Quadro Superior.

Leccionou a disciplina de Jornalismo na Escola Secundária Antero de Quental.

Foi ainda Correspondente nos Açores da agência noticiosa Reuters e do semanário “Expresso”.

É colaborador assíduo de vários jornais, TV e rádio nos Açores e na diáspora. Presentemente, é Director Executivo do jornal “Diário dos Açores”.

Os Açores e os Novos Média é livro para ler e, acima de tudo, momento para uma tertúlia de jornalistas açorianos que tanta falta faz, porque há quem dela tenha medo!

Santos Narciso